

mas o desluzi.
que o ~~desluzi~~ ~~desluzi~~.

De entre para cá, a situa-
ção mudou muito. Não tenho din-
ta de mim um mero estudante
de assuntos filológicos, mas um ver-
dadero mestre. Não será acen-
na novidade se disser que é
V. Ex. uma das mais altas ex-
pressões de filologia no Brasil.

Pode V. Ex.º, por conseguinte, ava-
liar o estado de espírito em
que me acho, neste momento.
Por isso, não estanco a declara-
r que vou fazer de público
Neste encontro de hoje, que é
o segundo, mas direi apenas que
é um grande constrangimento
que aqui estou para julgar a
sua tese, mas com um terror
quase pânico. Bastaria o fato em
si para justificar este terror, mas
ainda que, para agravá-lo, veja
a sua tese sobre assuntos de uma
especialidade em que V. Ex.º já con-
stituiu um justo renome: o latim
vulgar. Com efeito, quem poderá tratar
de "latim vulgar" entre nós, sem recor-
rer os seus livros, sem citá-los a
cada momento?

Li o trabalho, com que V. Ex.º
se apresenta para disputar a cá-
tedra de Filologia Românica desta Fa-

É esta a segunda vez que nos encontramos, um de nós do outro, em campos opostos. A primeira foi no maravilhoso encontro que V. Ex.^a fez por a cátedra de Português do Colégio Estadual Nilo Peçanha, de Niterói.

Eu entendi V. Ex.^a muito jovem, mas havia transportado a mesma doçura da vida, a que chama-se pitorescamente "entre memórias - musas", mas tinha, por conseguinte, a preservar na fronte essa de hoje "brilhante aureola de auge de sua fala barchada de brio, no seu "Círculo Vicioso".

Não senti, naquela ocasião, confusão o menor constrangimento em examiná-lo, mas obstante reconhecer em V. Ex.^a um jovem de excepcional talento, de que já deu nobres mostras com a publicação dos Contos do Latim Vulgar. É que, se V. Ex.^a tinha em seu favor a privilegiada inteligência que Deus lhe concedeu; eu, mais velho e mais arido, podia alegar, de minha parte, a experiência que o longo trato dos coiza, nos ministros. Assim, não havia grande desequilíbrio que pudessem ser ator em minha melindrer. Aceitei o encargo de examinar e, graças a Deus, parece

moralment, que o sentido está a
 exigir (p. 37)*; mais além, o abla-
 tor tempe ainda em batallas com
 a gramática latina (p. 73); um pou-
 co atrás, inverte-se a ordem da
 conhecida expressão verroum em
in latro rure para in rure,
 de poucas consequências, seja dita
 de passagem.

Agora, prof. Seraphim Silva Neto,
 que já disse o seu pouco de
 V. Ex.^a e de sua obra, com fazer
 algumas observações, mais com o obje-
 to de uma troca cordial de
 ideias do que com o de apor-
 tar-lhe falhas.

Passamos então ao exame da
 sua tese.

* citac. de Devoto.

culdade. Li-o primeiro de relance, depois vagarosamente, parando em cada período, meditando a cada frase. Cheguei ao final da leitura intimamente satisfeito, porque vi nele confirmados todos aqueles supostos generalidades. Sem sempre admirar em V. Sr.^a, isto é, erudição vasta, riqueza de informações, ~~possa~~ ^{domínio} absoluto do assunto. De sua bibliografia nada diria porque acho que está acima de qualquer elogio.

Uma coisa, entretanto, atemoriza-me pouco o meu entusiasmo: é a sua apresentação material. Como deixa ele se desviar! É pouco rigoroso academicamente! Os apurados requintados, como essa que V. Sr.^a oferece ao nosso paladar, devem ser servidos em fina porcelana, mas em tijolo de barro. Com efeito, os erros datilográficos — para só falar n'elles — já se acumulam, chegando já às vezes a alterar-lhe o pensamento. Aqui, o fantasma de Vergílio — Asiático Político — aparece deformado em Anísio Polist (p. 29); ali, uma frase de Heilbrunn, com que V. Sr.^a encerra um dos capítulos da sua obra, sobre uma perigosa amputação em seus membros (p. 47); aqui, um nome ment usurpa o lugar de um

Pág. 93 (cont.)

ptor de um filho de Constantino. Escreveu De opificio Dei, defesa da Providência de Deus contra os epicuristas; Divinae Institutiones, em 7 livros, exposição da doutrina cristã e demonstração de sua divindade pelo belze de seu animal; De ira Dei, em que mostra que Deus se irrita, mas que, por justiça, também castiga; De mortibus persecutorum, em que revela como Deus castiga os perseguidores do cristianismo, dando-lhes morte cruel.

Comodiano (sec. III), poeta cristão, nat. da Síria, foi autor do Carmen Apologeticum, em que mostra que o fim do homem não é a vida atual, como ensinava a filosofia de Epicuro, mas a eterna.

Venâncio Fortunato Clemenciano (sec. VI), nat. de Inceus. Compôs vários poemas para a Igreja, entre os quais o Sauve l'empire e o Vexille repis prodeunt.

Quinto (sec. V), bispo de Viena, nat. de Aquitânia. Escreveu um poema em 5 livros, intitulado De spirituali historiae gentis, em que conta

Pág. 93

* Fala dos marcos populares que se podem encontrar nos escritos tardos do 3.º S.º: "A esse respeito seria feita uma recense de materiais em Lúcio Cárcio, no Cúlex, em Pérsio, em Lactânio, em Arnóbio, em Cícero..."

Para terminar, linhas abaixo: "Eis as sem falamos na literatura cristã."

Ora, que nos Lactânio, Arnóbio, Cícero, Salustiano, Orosio, Crisostomo, etc. são escritores cristãos, autores pertencentes à literatura cristã?

Arnóbio (sec. III e IV), nat. de Sícea na África, a princípio inimigo do cristianismo, depois a ele se converteu. Para encorajar outros na comunidade cristã, escreveu Adversus nationes, em 7 livros. A obra contém muitos erros, mas, nem por isso, vale a pena, por ser um dos primeiros a dar crédito pela doutrina cristã.

Lactânio (sec. III e IV), nat. de Afriça, discípulo de Arnóbio, e como ele perito em Retórica. Era conhecido "o Cícero cristão". Foi preso,

Pag. 93

Sur la page, le grand mon
guit mon manguit - en l'ar-
de manguit

o pecado mortal e a expulsão de Adão e Eva do Paraíso.

Crósio (sec. V), padre de Lunitânia, contemporâneo e amigo de S. Jerônimo e de S. Agostinho. Autor de uma Historia contra os pagãos (Historiarum libri VII contra paganos), em que retomava a tese de S. Agostinho, na Cidade de Deus, de que os flagelos seriam punições maiores de Deus para levar a superá-los na esperança de uma vida melhor.

Salviano (sec. V), originário de Trier, padre de Irgis da Borgonha, é autor de um De Providentia, em que ele censurava os romanos por imporem à Providência os males, cuja causa única são os seus pecados.

Bibliografia:

- Luigi Salvatorelli - Storia della Letteratura Cristiana, Milão, 1946.
 Alessandro Arcadi - Literatura Cristiana nel Medio Evo, Milão, 1945
 Pierre de Labrousse - Histoire de la Littérature Latine, Paris, 1947

Pág. 75

* Dig. V. Sm.: "Nos autores cristãos é frequente o seu emprego (fala de ambulare) no sentido próprio ou figurado de "andar, caminhar": claudi ambulat; surgere et ambulare". (Matheus XI, 5); "ambulare in Deo" (João I, 36)."

A frase completa de Matheus é a seguinte: "cæci vident, claudi ambulant, leprosi mundantur, mortui resurgunt, pauperes evangelizantur, et beatus qui non fuerit scandalizatus in me". Esta, sim, é quem está no Evangelho de S. Matheus, c. XI, v. 5).

O outro exemplo, entretanto, pertence também a Matheus, mas está se acha no cap. XI, 5, e sim, no cap. IX, 5.

O texto é o seguinte: "Quid est facilius dicere: Dimittantur tibi peccata tua, et dicere: Surge et ambula".

* Note o nome próprio, lá sem acento no ataque de S. João. Não se trata de ambulare in Deo no passo citado. O que disse S. João no seu Evangelho (I, 36) é o seguinte: "Et aspiciens Jesum ambulantem dixit: Ecce Agnus Dei".

Pág. 92

* Na citação que V. Ex.^a faz das palavras citadas pelo Appendix Probi, suprimiu a de 170, isto é, socrus con socrus. Por isso omitiu o n. 171, passando de 170 para 172.

Pág. 92

* Nesta mesma página, cita V. Ex.^a constabilitus non constabilitus. Assim como efeito aparece também nas edições de Heraeus e de Foerster. Mas será um engano, depois de reproduzido em outras edições. Ou será que se trata ali de um caso de acentuação: constabilitus non constabilitus?

Roteiro

- * Pág. 93 - Exitoris cristais
- * " 92 - Supressão de um item
- Constabilitor
- * " 83 - Baralhamento dos dedineq
- * " 79 - Pervateri
- * " 76 - Osp. Ladilla
- * - Caballus no sardo
- * " 75 - Citacat latine
- * " 73 - Imperativo em -ibam
- Citacat errada
- " 72 - REW, 3509 por 3500
- * " 71 - it. mangiare
- fr. désir
- * " 70 - Retificação de basiare ^{em Coptos}
- fr. basiare
- " 69 - tetuli
- " - face
- esperivus
- antunare
- * Pág. 68 - proximum
- * " 63 - Silvestrum
- * - Citacat de pag. errada
- " 62 - Elisat
- * " 57 - Domus
- * " 55 - Entre ambos ensinam de po
- * " 53 - Aspiracat em latine
- * " 49 - Loucinha em Nemi
- * " 48 - Falisco e Picentino
- * - fecet (Vas Imenur)
- * - manom (Bonum)
- * - Formos em redita
- * " 47 - Meillet truncado

* Pág. 25 e 26 - Leguminosism a fröben

" 25 - Ficus o prauco

~~* " 24 - Ornatifabator...~~

* " 17 - Edico a Ruckdorschel

* " 18 - Exemplo de obl. de maritima.

" 12 - Varar im autum

* - justaposto.

* Pág. 11 - Citaco de Uvarovzean

* " 8 - Citaco de obra de Kempf

* " 4 - Ime tun de ser o caunche trilha

* " 2 - Lapicista

3 hms - 3 1/2 hms

6,55 - Faria

Pág. 2

* Lapicistas em lugar de Lapicidas.

De Lapis e caedere (caedo, is, ~~caedi~~ cecidit,
cecidit, ēre).

Pag. 4

X "Éne tem de ver o caminho trilhado
pelos romanistas" - em lugar de - "Éne
tem de ver o caminho que deverão tri-
lhar os romanistas..."

Pág. 8

* A citação que V. Ex.^a faz de obra
de Hempp é imperfeita: Romanorum
sermones cotruensis — deinde auscultatio
religiosae collectae (et illustratae

Pag. 11

* A citaco de Burger, in Memorial de
Estudo Latino para a Sociedade
à seu fundador a J. Barouzeau - m
se acha à pag. 154, mas 164.

Pág. 12

Diz F. S.: "Aqui e além, contudo, alguns popularismos acabaram varrer em anátome..."

Acho não tanto simpático a expressão "varrer em anátome." Acho que melhor seria dizer "varrer em opstico, repe, vide, ou crise semelhante."

Pág. 12

*Diz V. Sz.: "Voltando a uma vez na
táboa da Skutsch, é preciso lembrar
que a língua viva é como um rio
que nunca deixa de correr e fluir,
embora, a partir de certa época, se
lhe tivesse justaposto uma camada
de gelo." breio que o termo ad é
"justaposto", ou sobreposto.

Pág. 12

*Diz V. Sz.: "Voltando a uma vez na
táboa da Skutsch, é preciso lembrar
que a língua viva é como um rio
que nunca deixa de correr e fluir,
embora, a partir de certa época, se
lhe tivesse justaposto uma camada
de gelo." breio que o termo ad é
"justaposto", ou sobreposto.

Pág. 15

V. ex.^a, que é tão copioso na sua
plêiade, deveria ter arrolado outros
exemplos, para mostrar que se não tra-
ta de um fato habitual no latim
literário o emprego do de para
indicar a matéria ou a causa.

Outro exemplo de Vergílio (VI, 69):

"Frum Phoebe et Privesa solida de
marmore tempore." (Conde)

Outro exemplo de Ovídio (Met., 10, 49)

"~~invenit tunc lacrimis humida~~

"~~invenit~~ passa de vulnere terribis."

Exemplos de Cícero:

"de via fessus" (Acad. post. 1)

"de vra languere" (Phil. 1, 5)

"De triumpho carcerem peri" (Phil. 5, 1)

Pág. 17

* Da' a V. Ex.^a a obra de Ruck-
dortel sobre os arcaísmos e vulga-
rismos na língua de Horácio con-
tendo duas edições. München. Cri-
que as duas edições das de Sles-
gen.

Pág. 24

"Cada geração encontra, à sua volta, um mundo novo e diferente: daí surge os nossos hábitos e os nossos costumes, daí surgem nossos meios de produção."

Pág. 24

* Diz V. Br.: "A língua transmitida é móvel e varia, muda incessantemente. Os contactos são maiores e muito mais ricos, pois o acal, fabeto contraccenam com as perso instruídas e, de toda a maneira, elas sofrem directa e indirectamente a influência, já pela leitura dos jornais, já pelas audições do rádio, hoje universalmente fundada."

Pág. 25

Dr. V. B.: "Portanto, de acordo com
o distinto romanista alemão, o italiano
é a língua que representa a transfor-
mação de um latim mais recente;
seguem-se-lhe o romeno, o rético que
representam o latim da época impe-
rial; depois ficam o francês, o
provençal, o catalão, etc."

Pág. 25 e 26.

* Dig. V. Ex.^{ta}: "O método esquemático de
Fröber, que, com raras, pretende obter
resultados anatemáticos, não com raras
outros."

A pag. seguinte ⁽²⁷⁾ Dig. V. Ex.^{ta}: "No entanto,
o professor de Filologia Românica
não demonstra a verossimilhança
da teoria de Fröber, porque é
dubitável o grau conservatismo de
selim das províncias próximas como
macedas, tais como a Sardenha e a Hy
pania!"

Ver também o que disse na pag. an
terior (26) Kawczynski.

Pág. 47

* O pensamento de Meillet serve
de fundamento nesta página: "L'
tome politique de Rome et l'his-
toire de la langue latine —
oratio fuit suppressa: "expliquent
l'histoire de la langue latine."

Pág. 48

Prof V. G. A.: "Em uma inscrição falica
depara-se nos pipafa equivalente ao
lat. libam.

O latim libam é também redupli-
cado no ind. presente. É uma forma
de reduplicação no presente. Equivale-
ria as fut. latinas da 1ª conjuga-
ção.

Pág. 48

* Diz V. Ex.^a: "É curioso observar que o pe-
lris e o praestius, ao contrário do
latim, apresentam formas com redob-

~~nas~~ ~~di-~~

Ora, em praeneste e em Falerio,
palavra-se também o latim, o que
V. Ex.^a nunca reconheceu lindo dris
(n. 2). Portanto, devia acrescentar: "ao
contrário do latim de Roma."

Pág. 48

* Nesta mesma página, diz V. Ex.^a que
o praestius thiethaka corresponde
à forma romana feced do vaso Duo-
nos.

A forma do vaso Ducnos é fec-
duenos med feced en manom (uma
designação secundária.)

Pág. 48

Fefacust, fut. ant. fois é uma designa-
ção francesa; em português, diz-se
fut. perfeito.

Pág. 48

* Bonum corresponde ao lat. de Lanu-
rium manom. (Vaso Ducnos). Ver o f.
de Varro (L. L., VI, II): bonum antiqui
dicebant manom.

Pág. 48

* Diz V. Ex.^a: "É curioso observar que o pe-
lris e o praestius, ao contrário do
latim, apresentam formas com redob-

~~nas~~ ~~di-~~

Ora, em praeneste e em Falerio,
palavra-se também o latim, o que
V. Ex.^a nunca reconheceu lindo dris
(n. 2). Portanto, devia acrescentar: "ao
contrário do latim de Roma."

Pág. 48

* Nesta mesma página, diz V. Ex.^a que
o praestius thiethaka corresponde
à forma romana feced do vaso Duo-
nos.

A forma do vaso Ducnos é fec-
duenos med feced en manom (uma
designação secundária.)

Pág. 48

Fefacust, fut. ant. fois é uma designa-
ção francesa; em português, diz-se
fut. perfeito.

Pág. 48

* Bonum corresponde ao lat. de Lanu-
rium manom. (Vaso Ducnos). Ver o f.
de Varro (L. L., VI, II): bonum antiqui
dicebant manom.

Pág. 49

* Diz V. lx.: Fortuna (Corp., I, 60) tal
como Luccina ~~em~~ (I, 41) em Nem.

A forma Luccina de Eruat como
seus de Cápua (Corp., X, 3807) e
Diana (Corp., I², 41) e de Nemie.
(Ver Morphol., 3^a edit, p. 21).

Pág. 53

X V. Sn. cita Schuchardt, ~~apenas~~ ^{que} ~~atribuía~~ ^{atribui} o fato de aspirações, censuradas por Catulo e Horácio, como pruente de influência etrusca: chommode, hincidiu.

Não me parece provável. Naturalmente com outros autores, atribuir esse aspiração à influência da simulação de prep. Mostra entre que muitos palavras, de aspiração, passaram a ser aspiradas, porque o ato de aspiração era sinal de boa sociedade. (Ver Phon. Hist. du Lat., 3^a édit., Paris, 1953, p. 85-86).

Pág. 55

~~X~~ Adiz V. Lx.: "A verdade é que os primeiros exemplos seguros e representativos da oposição entre a língua geral coloquial e a língua escrita literária só se encontram nos emendadores. Entretanto, desde que se conhece que há entre ambos e norma diferenças."

O ~~ambos~~ a pa V. Lx. sempre note

A quem se refere sta que br.? Pelo contexto sabe-se que se trata de Plumb e Terêncio. Mas só depois é que vamos saber disso, porque só depois é que vão ê aparecerem citados

Pág. 57

* Diz V. M.: "Nos declinações observa-se
que os nomes da quarta e da ter-
ceira passavam à segunda: domi (gen).
Trin. 530.

Ora, o caso de domus deve ser con-
siderado à parte. Com efeito, não se
trata da passagem para a 2ª declinação,
pois dada a indo-europeia éla tinha
dois temas um em o/e e outro em
u. É o que em diz Brumet: "La confusion
a dû être favorisée par le fait que
certains substantifs avaient dès l'indo-
européen, à la fois un thème em o/e
et un thème en -u-. C'est le cas
de domus, thème o/e dans skr.
dāmah, gr. δομος, thème en -u- dans
v. slave domŭ et dans le dérivé
skr. dāmunah "domestique" (Étymolo-
gie hist. du Latin, 3^e éd., p. 66)

Pag. 52

Falando de nomes da 3ª declinação que passaram à segunda, cite V. o caso de pauper.

Ora, este adjetivo vem de *pan-per-os (Ver Ernout-Meillet, J. Et. Etymol. de la Langue Latine, Paris, 1951, p. 868) o significava "o que produz pouco". Instância de um adjetivo da 2ª declinação que, por influência de seu genitivo, divis passou à 3ª, ou mais dizem os dicionaristas citados: "Sans doute composé de *pan-per- "qui produit peu", cf. paucus et puer-per-, et ancien adjectif de la 2ª déclinaison (cf. Varr., L. L. 8, 22, et la note de Goetz-Schoell ad l.) passé à la 3ª déclinaison sous l'influence de divis avec lequel il formait couple..."

§ Então abaixo: "A língua popular a reconstruiu mais tarde uma forma pauper, a, um, d'après le type liber, a, um (cf. Pl. frag. 67 L; Petr. 46 qui est demeuré dans la langue romaine." (Ibidem).

A palavra aparece no pag. 66 de Plaut, ed. Goetz-Schoell. "Paupera est haemulicior." (Ver também Petr. 46). Na Vulgata: "viduam pauperam" (S. Luc., 21, 2, "et gratis datus est mihi pauperum non fuit" (1ª Corint. 15, 10)

Pag. 52

Falando de nomes da 3ª declinação que passaram à segunda, cite V. o caso de pauper.

Ora, este adjetivo vem de *pan-per-os (Ver Ernout-Meillet, J. Et. Etymol. de la Langue Latine, Paris, 1951, p. 868) o significava "o que produz pouco". Instância de um adjetivo da 2ª declinação que, por influência de seu genitivo, divis passou à 3ª, ou mais dizem os dicionaristas citados: "Sans doute composé de *pan-per- "qui produit peu", cf. paucus et puer-per-, et ancien adjectif de la 2ª déclinaison (cf. Varr., L. L. 8, 22, et la note de Goetz-Schoell ad l.) passé à la 3ª déclinaison sous l'influence de divis avec lequel il formait couple..."

§ Então abaixo: "A língua popular a reconstruiu mais tarde uma forma pauper, a, um, d'après le type liber, a, um (cf. Pl. frag. 67 L; Petr. 46 qui est demeuré dans la langue romaine." (Ibidem).

A palavra aparece no pag. 66 de Plaut, ed. Goetz-Schoell. "Paupera est haemulicior." (Ver também Petr. 46). Na Vulgata: "viduam pauperam" (S. Luc., 21, 2, "et gratis datus est mihi pauperum non fuit" (1ª Corint. 15, 10)

Pág. 62

Diç. V. Br., assinalando as particularidades do lat. vulgar, menciona: "as elisões do tipo guetus (por guatus), febrarius (por februarius), mortus (por mortuus)".

A palavra "elise" tem sentido especial empregado em termos de linguística:

"Omissão (lat. elisia = effacement) d'um elemento vocálico final de um d'outro elemento vocálico inicial (fr. l'élision)... (Barrozeau, Lexique de la terminologie linguistique, Paris, 1933, p. 74)

Pág. 63

* Diz V. Ex.^a que "um adjetivo em -u de terceira declusão aparece como se fora do tipo -us: trata-se de silvostum (cc. sing.).

Certo que Silostum não é aí um adjetivo, mas um substantivo próprio, cujo declusão faziam a ver de 2.^a: Silost-er, ri, engendrando o adj. continuando a ver Siloster, ri, ve ou Silostus, e.

Trata-se de uma citação do Corpus Inscriptionum Latinarum, II vol., 7058).

* Pág. 63

A propósito de crus que aparece numa tabula excoriata citada V. Ex.^a — Väinänen, p. 94, 288. Ora, a obra deste autor intitulada de Le latin vulgaire des inscriptions pompéiennes (Helsinki, 1937), só contém 228 págs com índice, avant-propos, bibliographie.

Pág. 68

* Ploxinum = cope

Ingeccen-u V. Sn. de dar-mo o
passo em seu Catulo sobre a
ta palavra. Ingeccen de carne 98,
v. 6.

Pág. 69

Diz V. Ex.^a: "a forma esperivus (21.6) que mostra a diminuição -rus, em vez de -re, é visivelmente dialéctal, já vimos numa inscrição gravada entre 45 e 50 a.C. a forma pollu-
ciarius"

Aqui, V. Ex.^a podia acrescentar: "em vez de -re ou -ris". Quanto ao final -rus, há outros exemplos, citados por Ernout, como dois latins, como: Spatiarius (C.I.L., I², 1792 (Bonaventura), utarius (C.I.L., I², 1702 (Venusia), figarius (C.I.L., IV, 2082 (Pompéia) — (Ver Morphol. hist. du latin, 3^e ed., Paris, 1953, p. 122).

Pág. 69

Falando de autumare, diz V. Ex.^a: "equivalente a dicere, é um verbo da língua antiga que, como tantos outros, desaparece na baixa latimidade."

Peruém acrescentar que dele também se usou na época imperial. Hácio, por exemplo, o emprega na Sat. 2, 3, 45.

"inducendum Chrysippi portum et greci
antimmet."

Pág. 69

Coloca V. Ex.^a entre os pronomes pro-
vinciais e imperativos face. Com
V. Ex.^a razão especial para considerar
a tal. A forma plena foi largamente
empregada pelos antigos escritores latinos.
Na linguagem familiar, foram empregados
dice, duce, face.

Exemplos:

"tu si quid opus est dice." (Pl., Rand., 1)

"tibi permitto; proce, duce" (Pl., Trin.
384).

"face me certum." (Pl., Remd., 18)

Pág. 69.

Diz V. Ex.^a acerca do perfeito tetuli
"também pode ser dialéctal". Não sei
a razão em que se baseia V. Ex.^a
para afirmar tal coisa. São muitos em
latim o perfeito formado, a exemplo
do indo-europeu, com reduplicação: exte,
ante ate, do, sto, peude, teude, polle,
dige, scinde, etc.

Tetuli foi primitivamente perfeito de
fero; depois, a exemplo de sus-tuli,
forma com prefixo servindo de per-
feito de tollo, tuli se substituiu a
tetuli.

Pag. 70

* A propósito de basium, cujo emprego
em Catulo V. Ex.^a assinala no Carme
5, v. 7, 13; Carme 7, v. 9; Carme 99,
v. 16; é mister rectificar que no car-
me 7, v. 9, o que aí aparece é
o verbo basiare.

Pag. 70

* Ainda nesta página, diz V. Ex.^a:
"A palavra irradiou-se por toda a
România (REW. 976), faltando ho-
je no francês, mas, contudo, lá
derivado, com sentido figurado, que
acumula a basioŕum".

Ora, V. Ex.^a se esqueceu de baiser
(hoje ~~está~~ substituído por embrasser
que vem do lat. basiare, deri-
vado directamente de basium.
(Ver REW., 971)

Pág. 71

Diz V. lx.^a, falando do lat. desiderium:
"Éa base de várias formas românicas,
tais como o fr. désir, o pro. desieg,
o it. desio, o sp. deseo e o port.
desij."

A forma it. é desio. O francês é
um deverbal de désirer, do lat.
desiderare (Ver O. Bloch et W. v. Wart-
burg, 2.^a ed., Paris, 1950, 182)

Pág. 71

* V. Ex.^a dá o it. mangiare e o pr.
manger, como derivados do lat. manu
ducere.

Ora, pela repetição de V. Ex.^a, parece
tratar-se de derivados independentes,
quando, na verdade, mangiare it. vem
mas é de fato um empréstimo
do francês manger. Este verbo arabe
foi suplantado a antiga forma ita-
liana manducare, do lat. mandu-
care. (Ver B E W, n. 5292)

Pág. 71

* V. Ex.^a dá o it. mangiare e o pr.
manger, como derivados do lat. manu
ducere.

Ora, pela repetição de V. Ex.^a, parece
tratar-se de derivados independentes,
quando, na verdade, mangiare it. vem
mas é de fato um empréstimo
do francês manger. Este verbo arabe
foi suplantado a antiga forma ita-
liana manducare, do lat. mandu-
care. (Ver B E W, n. 5292)

Pág. 72

falando de vários representantes româ-
ninos de fricari, nomeado V. S. para
o REW-3500, quando o verbo é
o 3501.

Pág. 73

* Diz V. Ex.^a: "No que toca à morfologia
devemos salientar dois fatos. O primeiro
é o emprego do "imperativo" em
-ibam por -iebam, que, fato de lin-
gue arcaica, certamente se encontrou no
uso popular e regional."

Não se trata de imperativo, mas de
pret. imperfeito do indicativo.

Pág. 73

* O exemplo que V. Ex.^a citou de Catulo
"audibant eadem haec leniter et le-
niter" do Carme 84, não se a-
cha no verso 4, mas 8.

Nesta mesma página, há um lapso
de transcrição tempo por tempo.

Pág. 76

* Diz V. Ex.^a: "O esp. ladilla e o italiano piattola têm gen. ser. re. conduzidos a seu diminutivo blatella (por blattula)".

Acho que há referência a blatella só tem catimento pare o espanhol. Pare o it. deve-se admitir como étimo o blattula. A forma piattola sopra a influência de piatto (< plattu), que significa "plano", "chato". (Ver Bruno Migliorini*, Problemi Etimologici della Lingua Italiana, Torino, 1950, p. 444; Meyer-Lübke, Romanisches Etymologisches Wörterbuch, dritte Aufl., Heidelberg, 1935 — n. 1159).

Pág. 76

* Dig V. lx.^a, falando de caballu.
"tem caráter puramente vulgar, não
representado em todas as línguas ro-
mânicas, exceto nos loquedores, onde
se usa num derivado de egmus."

A forma a que V. lx.^a se refere
é ebbu (Ver REW, n. 2883).

Na Grammaire des Langues Rom-
anes (trad. fr. de Eugène Raliev,
New York, 1923, vol. I, p. 486), tra-
dução Meyer-Lübke de caballu,
dá para o sardo a forma kaddu,
rom. cal, engad. kaval, it. ceva-
la, fr. cheval, sp. caballo, port.
cabalo.

No REW, entretanto, n. 1440,
assinala que essa forma pertence
e é justamente ao loquedor.

Na obra La Lingua Sarda (Ber-
me), p. 72, encontro uma citação fa-
ta por ela: un caballu albu
(CNT, 64, 88). Parece tratar-se
de abreviação de lindaghe di S.
Nicola di Tullio, editado por Enrico
Bisti e Arrigo Solmi, Milão, 1934)

Pág. 79

* Dig. V. Lx.^a, a propósito de percon
tari: "é uma daquelas palavras gem,
documentadas na língua arcaica, des-
parecem depois de língua escrita,
mas continuam a viver na língua
falada."

Orão gem no se pode afirmar
isso de modo absoluto, porquanto
encontramo-lo empregado em auto-
res de época clássica, como Cicerão,
Tito Lívio e outros.

Atende em muitos da época po-
ter-se continuar a ser empregado.
Basta ver:

Plínio, Historia Naturalis, XXX, 2, 6

Suetônio, Augustus, XCIX

Quintiliano, Instit. Orat., IX, 2, 6

Aulo Gélcio, Noctes Atticae, XVI, 6

Apuleio, Metamorphos., I, 24

Caecilio Atraciano (sec. V), atado
por Souter.

Pág. 83

X Diz T. S.º, falando de Petronio: "É importante e interessante o seu estudo nos mostra a linguagem dos seus antigos personagens. Os convívios de Trimalchio berchavam as declinações: digiam intestinos, balneus, cachus, vixus, vasum (por vas, vasis), pauperorum, cornum gusti, lactem."

Em vários dos casos citados por T. S.º não há berchamento de declinações, mas de gênero, por ex. balneus, cachus, vixus, lactem, cornum a mesma declinação, mas mudificam o seu gênero.